

Título - A Paisagem Como Objecto Estético

Autoria – Luísa Genésio

Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior Agrária 13 de Janeiro de 1999

Resumo

A contemplação da paisagem pode valorizar a beleza como finalidade em si. A ideia de paisagem concebe-se como uma forma da Natureza ao constituir-se como objecto estético. Para estudar a forma da paisagem conjugo a linguagem da Arquitectura Paisagista com a Teoria de Arte. A paisagem é um conceito cultural resultante de uma ordem imposta no caos original. Na Época Moderna a procura do essencial na forma da paisagem segue caminhos mais ou menos abstractos. A abstracção é indispensável ao processo imaginativo de novos arranjos estruturais dos elementos da paisagem. Estabelecer mapas que simplifiquem e codifiquem a realidade só é possível com a abstracção. Os elementos básicos do desenho – Ponto, linha, plano, volume e as suas características visuais são a base de alguns mapas que ajudarão no estudo da forma.

A paisagem pode ser qualificada pela arte. Os métodos de abordar a criatividade mantêm-se invariantes ao longo dos séculos de história de arte. Estes métodos serão empregues também na paisagem, na definição do espaço abstracto que permitirá atingir espaços arquitectónicos.

A criação de paisagens modernas desenvolve-se num mundo abstracto da representação mental, de que é exemplo a Landart.

Palavras chave

Beleza da paisagem. Linguagem abstracta. Paisagem cultural. Mapas. Imagens. Arte. Criatividade. Jardins. Landart.

“**Contemplar** a paisagem sob o ponto de vista da infinitude, leva-me a protestar contra o modo puramente utilitarista de contemplar a realidade, característica da visão técnico-científica dos dias de hoje”. (R. Assunto).

A contemplação da paisagem pode valorizar a beleza como finalidade em si, e não somente a utilidade das coisas reais. A paisagem é um objecto estético, consequência da filosofia da Arte e da Natureza. A filosofia dos jardins é mais do que uma frivolidade, pois um jardim traduz de forma ideal uma relação positiva entre o Homem e a Natureza.

A lógica elementar do utilitarismo tem destruído muitos jardins, paisagens e a natureza em geral. A cultura de massas tem consequências desastrosas.

O espírito humano é levado a supor que há nas coisas mais ordem e semelhança do que as que realmente nelas encontra, e posto que a Natureza está cheia de excepções e de diferenças, por toda a parte o espírito vê harmonia e similitude.

Quando se trata de ordenar a natureza simples, recorre-se à álgebra. Quando se trata de ordenar a complexidade do real é necessária uma **linguagem abstracta**.

A Natureza tem um modo de fazer formas. **A ideia de paisagem concebe-se como uma forma da Natureza ao constituir-se como objecto estético**. Admito a possibilidade da existência de paisagens belas, propícias à existência do Homem. Admito que o belo natural se pode melhorar pela mão dos artistas.

Para o estudo da paisagem como objecto estético conjugo a linguagem da arquitectura paisagista com a teoria da arte.

A paisagem enquanto objecto estético provoca em nós reacções intelectuais ou sensoriais. Para disfrutar de uma paisagem, é necessária educação estética.

“ Enquanto o ser humano, no seu primeiro estado físico, apenas apreende de modo passivo o mundo sensível, enquanto apenas sente, ele nada é mais do que o mundo e não existe para ele qualquer mundo. Só quando ele, no seu estado estético, o coloca fora de si próprio ou contempla, é que a sua personalidade se destaca dele e lhe surge um mundo, uma vez que ele cessou de perfazer um todo com o mundo” (F. Schiller)

Até ao século XIX, a paisagem evoluiu com a história das outras artes, em particular da pintura. O conceito de paisagem no Ocidente nasce no século XVI com a pintura flamenga. O conceito de ambiente é recente e tal como os conceitos ecologistas de ecossistema, habitat, biótopo, só se aplicam à parte natural da paisagem. A paisagem distingue-se do ambiente, é um objecto estético e não apenas património natural. A

história da paisagem ocidental e oriental, mostra-a como produto de uma operação perceptiva, ou seja, uma determinação sócio-cultural. É neste sentido que estudo a paisagem.

A evolução dos conceitos de paisagem, geografia, ecologia, natureza, foi diferente e é diferente.

Projectar uma paisagem é uma obra de autor. A teoria dos ecossistemas nada diz sobre a componente cultural da paisagem. O belo não é quantificável. Não está provado que um ecossistema não é belo. Um local não poluído pode ser feio. Um local erosionado pode ser belo.

A paisagem é um conceito cultural, resultante de uma ordem imposta ao caos original. Esta atitude é mais do que utilitária.

A descoberta do Centro foi o primeiro passo na ordem. As primeiras cidades têm forma de quadrado.

Perante o caos, o Homem primitivo impôs ordens grandiosas – alinhamentos de Carnac, os egípcios colocaram a arquitectura numa retícula geométrica, a posição cartesiana dos templos gregos tem uma forte consequência na arquitectura global, Roma antiga delineou centúrias, extensas retículas sobre a paisagem, na Idade Média, a estrutura de assentamentos de cidades e mosteiros impôs uma nova geometria, no Renascimento eixos unem pontos perspécticos mais ou menos importantes, no período Romântico, a obra transcende pela ideia, a paisagem. **Na Época Moderna, a procura do essencial na paisagem segue caminhos mais ou menos abstractos.**

“A abstracção nasceu com a arte. Não é apenas o isolamento de um detalhe em relação à totalidade como mostraram grandes pintores.

A abstracção é uma forma de expressar exigências emocionais e/ou intelectuais. A abstracção, a transparência, a simultaneidade, a simbolização apareceu tanto na arte primitiva como na moderna” (Giedion).

Compositores modernos como Debussy, criam impressões espirituais, que frequentemente vão buscar à Natureza e que transformam em imagens espirituais sob uma forma puramente musical. Debussy é por este facto comparado aos pintores impressionistas. Como eles, livremente e com traços largos, inspira-se, nas suas composições, nas impressões que recebe da natureza.

As várias artes informam-se reciprocamente, perseguindo por vezes os mesmos objectivos. – Colher impressões na Natureza para criar Arte, através de um espaço de abstracção.

Lentamente, as várias artes tornam-se capazes de transmitir o que lhes é próprio, e através dos meios que cada uma delas exclusivamente possui.

A imitação da Natureza, para um artista, não é um fim em si mesmo. O artista procura aplicar na sua arte um processo similar ao musical – procura do ritmo, da harmonia, da construção abstracta, das matemáticas, do dinamismo, das proporções ideais, etc.

Qualquer arte é capaz de evocar a Natureza. Mas não é imitando-a pelo exterior que o consegue. **É necessário transpor as impressões da Natureza na sua realidade essencial, mais secreta.**

A forma pode existir independentemente como representação do objecto (real ou não) ou como delimitação puramente abstracta de um espaço ou de uma superfície.

A abstracção é indispensável ao processo imaginativo de novos arranjos estruturais dos elementos da paisagem. Interessa conhecer a estrutura morfológica mais ou menos imutável da paisagem, pois é ela que define linhas de força, volumes, que contribuem para a forma, grandiosidade, escala, carácter dos sítios.

O que me interessa no estudo da paisagem é definir estruturas essenciais à sua forma e acentuá-las, torná-las visíveis em soluções estéticas de ordenamento do território, em espaços particulares onde o uso é o recreio. Há elementos territoriais mais fortes que outros em termos de organização espacial ou formal. O estudo da forma da paisagem da sua composição plástica é colocado em primeiro plano.

A transformação de uma paisagem num acontecimento arquitectónico depende da nossa abstracção, e do mistério do acto criativo. Cada local tem uma estrutura própria que inspira a forma de o humanizar. Ao reunir características essenciais num só conceito artístico a abstracção oferece-nos um meio de ordenar sistematicamente a ilimitada multiplicidade de objectos que vemos ou imaginamos. Entre as partes e o todo há relações que determinam o carácter real dos sítios.

Segundo Goethe, é no cruzamento dos caminhos da Arte, da Ciência, do Saber, que a Morfologia tem origem. Ela parte da captação da forma não apenas como figura que se desenha num espaço, mas como dinâmica que revela numa história, que tende a alcançar a perfeição.

Cada autor paisagista tem a sua maneira de se impressionar com a realidade. A arquitectura paisagística moderna pode transformar os elementos naturais e as suas combinações, em geometrias e padrões que transmitem as imagens metafóricas captadas na realidade. A imaginação aumenta os valores da realidade.

“ Tudo o que se pode codificar em símbolos pode recordar-se com relativa facilidade. Imagens esquemáticas ajudam a memorizar a realidade” (Gombrich). O esquema, a abstracção, simplificam a realidade. Para reconhecemos uma forma necessitamos um código que coincida com essa forma. Captar as invariantes de um lugar é o primeiro passo no estabelecimento desse código.

Quando identificamos elementos da paisagem num mapa há uma grande variedade de detalhes que uma mesma panorâmica pode suscitar. A representação de uma panorâmica deve possibilitar todas as leituras. Este facto só se consegue com a abstracção. O mundo da experiência visual é infinito. Seria interessante averiguar até que ponto a cultura nos habituou a olhar a paisagem ou uma imagem desta, de forma estática, contemplativa. Os fenómenos podem ser contemplados de muitos ângulos. Os mapas comunicam a sua informação ao olho móvel, escrutinador. As imagens podem ensinar-nos a reconhecer e especificar um efeito visual e emotivo que sempre esteve presente na nossa experiência. A busca destes efeitos foi tratada pela História de Arte.

Como paisagista aplico-me na investigação dos fenómenos naturais, registos, observo-os incessantemente, as formas como se manifestam, como se tornam visíveis, os efeitos que provocam e tento codificá-los em mapas.

Os diferentes componentes da paisagem estabelecem entre si relações visuais e outras. É no entendimento destas inter-relações que se baseia o ordenamento do território. As relações visuais entre os diferentes elementos da paisagem podem ser de contraste, dominância ou ter diferentes importâncias relativas.

Melhorar visualmente uma paisagem consistirá em tornar harmónicas as relações já existentes; contribuir para a unidade no conjunto, valorizando a diversidade das partes.

A forma da paisagem resulta da composição de alguns elementos básicos do desenho – ponto, linha, plano, volume; variáveis segundo vários aspectos ou características – número, orientação, tamanho, intervalo, textura, densidade, cor, ciclos sazonais, força e inércia visual, escala, ...

A conjugação destas características e elementos é fundamental para a composição paisagística. Pode estudar-se a paisagem globalmente, ou aplicar o estudo aos diferentes elementos separadamente. A mudança de escala traduz-se numa mudança do aspecto visível das coisas.

O Ponto

Pontuar uma paisagem resulta muitas vezes em obter sítios com mais força e simbolismo. Muitos acontecimentos da paisagem podem ser entendidos como pontos – árvores isoladas, cruzamentos e caminhos, capelas isoladas, etc.. O ponto obriga o olhar a parar. O ponto geométrico encontrou a sua forma material em primeiro lugar na escrita – ele pertence à linguagem e significa o silêncio.

Na paisagem, quando um elemento materializa a ideia de ponto, existe uma retenção, um pequeno mundo à parte, isolado mais ou menos por todos os lados, quase arrancado do seu meio. A sua integração nele é mínima ou mesmo inexistente. Por outro lado mantém solidamente a sua posição.

Há linhas na paisagem que podem conduzir a pontos. Aqui, o ponto funciona como fim, ponta.

As paragens ou interrupções em determinadas imagens (p.ex.. muro, sebe) constituem também pontos, acentos activos e passivos, mudanças num ritmo (tal como nas composições musicais).

Na Natureza encontramos necessariamente pontos ou combinações entre eles. Estas formas naturais podem ser trabalhadas eruditamente, com a consciência da sua força intrínseca.

A Linha

A linha encerra em si um movimento, uma dinâmica, em oposição ao ponto estático.

A diversidade de linhas numa paisagem depende das forças (dinâmicas) da mesma.

A geometria de uma paisagem é importante quando forma e conteúdo se equilibram.

A construção do espaço é uma construção linear. Pode encontrar-se uma transcrição puramente gráfica de uma paisagem construída. Seria interessante estudar as relações entre o grafismo da construção e o grafismo do local. O carácter de determinados locais passa pelo entendimento destas relações. A forma de um sítio, o seu grafismo pode sugerir a maneira de o construir.

A criação de uma paisagem moderna exprime-se em linhas rectas e curvas e a sua alternância define uma geometria própria de um local. Se a forma da paisagem está ligada ao seu conteúdo define-se uma métrica lógica. O afastamento desta lógica, aquilo que varia, depende do autor que projecta; tal como na música a intensidade sonora depende do intérprete.

A forma não se pode separar na paisagem do conteúdo; deve haver uma definição clara da estrutura de base; caso contrário será fatal para a composição paisagística. Na paisagem não há apenas problemas formais.

As leis da natureza são diferentes das leis de arte. Os dois grandes reinos – arte e natureza, autónomos nas suas afirmações, levar-nos-ão à compreensão de uma ordem superior de síntese entre o exterior e o interior.

Na paisagem encontramos numerosas linhas. As linhas podem corresponder a limites entre dois espaços distintos. A orla da mata, como linha de fronteira entre clareira e mata tem uma forma característica, um comprimento considerável, e uma grande variedade de espécies vegetais e animais. “O Homem tende a manter as comunidades de bordadura da floresta na vizinhança das suas habitações. Se se estabelecer na floresta, abre clareiras; se se estabelecer no planalto ou na planície, planta árvores, tentando criar um padrão semelhante” (Odum).

As linhas podem classificar-se pela sua complexidade ou variedade de direcções que vão tomando.

As linhas geológicas de um terreno recente são mais complexas que as de um terreno amplamente erosionado. As linhas geológicas podem sugerir força ou inércia visual. Os granitos pela sua forma mais arredondada e gasta pela erosão, sugerem estabilidade; os xistos pela sua estratificação muitas vezes com inclinações próximas da vertical, sugerem dinamismo (...).

Há certas linhas na paisagem que reforçam os eixos principais de orientação da mesma. Por exemplo os rios reforçam os talwegues; a vegetação ribeirinha reforça o rio. As linhas de cumedeira reforçam também a orientação principal da paisagem.

As parcelas de cultivo do solo definem geometrias na paisagem.

Há construções rurais que reforçam também o grafismo dos locais. (p.ex. os muros nos limites das propriedades, as sebes, os caminhos...).

Os contornos dos diferentes usos do solo têm significados formais e funcionais. A sua alteração modifica o sentido dos lugares. Interessa saber até que ponto cada elemento depende do lugar que lhe é dado.

O Plano

O plano original é a superfície sobre a qual se desenvolverá a paisagem-obra-
-construção-arquitectura- o desenho une a paisagem à arquitectura. Os usos diferentes
do solo definem planos variados (mineral, vegetal).

O grau de ocupação de um território, a intensidade do seu uso, irá definir uma
maior ou menor variedade de planos. (P. ex.. monocultura vs policultura).

Ainda que o grau de ocupação do território seja fraco (presença humana
reduzida), existem sinais permanentes dessa ocupação que confere à paisagem um
carácter humano e diverso (p.ex. permanência de solos agrícolas, presença de muros,
sebes, etc....).

Existe uma lógica na distribuição dos usos do solo num território, assim os
planos ou superfícies existentes traduzem essa lógica. Por exemplo numa aldeia do
planalto transmontano, as casas são rodeadas por planos de lameiros de regadio e hortas,
separadas por planos verticais ou sebes de freixos, carvalhos, ou outras árvores;
seguem-se os planos ou folhas de pão e mais longe os planos das matas, dos incultos e
da floresta.

A desorganização desta morfologia resulta numa desvalorização do todo, daí a
importância de definir perímetros rurais ou de assegurar o ordenamento do “termo” da
aldeia.

A paisagem pode ser projectada de acordo com os ensinamentos de Le Nôtre,
ligando o “aqui ao além”, unindo os diferentes planos da paisagem com eixos que
provocam a sensação de domínio e omnipresença. Entre o aqui (planos próximos) e o
além (paisagem longínqua) existem acontecimentos no nosso campo de visão que não
perturbam a ideia global de aproximação do observador com a escala grandiosa da
paisagem.

As linhas curvas da paisagem, que unem planos, abrem e fecham perspectivas,
conduzem o olhar, detêm-nos tranquilamente em determinados pontos, fazem-nos
aprender o todo, proporcionam o prazer dos elementos básicos com a luz-sombra, a
variedade da vegetação, etc.

Os planos presentes na paisagem são construções ricas em texturas e cores, em
formas e desenhos, etc.

O Volume

Um volume pode ser aberto ou fechado, regular ou irregular, etc.

Se observarmos uma mata do exterior para o interior, ela parece-nos um volume fechado. Se a observarmos do interior para o exterior, ela é um volume aberto que deixa entrar a luz, o céu.

Os diferentes elementos da paisagem constituem diferentes volumes que formam uma unidade. Na paisagem os volumes têm uma dada geometria irregular, complexa. As diferenças nas formas determinam os contrastes e a dominância.

A forma geológica da paisagem ou geoforma é relativamente invariante sendo por isso uma característica estruturante da mesma.

A geomorfologia de um local traduz a natureza e intensidade dos fenómenos geológicos activos (falhas geológicas, ravinhas), as forças que os provocam. Existe uma dinâmica geológica na paisagem (orogénese, gliptogénese, litogénese) que deixa marcas e constitui a sua estrutura ou suporte físico.

A geomorfologia afecta a expressão fisiográfica dos sítios. As diferentes unidades geomorfológicas (dunas, vales,...) têm dinâmicas próprias.

Os agentes geomorfológicos actuam com uma certa regularidade. O homem é o principal agente morfológico podendo causar irregularidades. A análise do modelado do terreno deve atender a vários factores – formação geológica e litológica, topografia, drenagem superficial, erosão, coberto vegetal e usos do solo.

O Homem modifica a matéria prima criando civilizações (p. ex. O . Ribeiro fala da civilização do granito e do barro). Cria-se uma nova dinâmica na paisagem.

A geoforma pode condicionar o uso do solo. Os solos agrícolas da melhor qualidade localizam-se nas margens dos rios onde há deposição de sedimentos; os sistemas de regas tradicionais obedecem também à orientação dominante das linhas de água, etc.

(Não existem determinismos físicos pois as técnicas eliminam-nos constantemente).

Os elementos constituintes da paisagem como o reino vegetal e animal combinam-se de formas muito diversas. Podemos analisar as diferentes composições de acordo com algumas características visuais.

O número diz respeito à forma como se agrupam os elementos. Se se trata da vegetação, a forma como ela se agrupa é fundamental para a compartimentação

paisagística. Esta pode ser suportada por florestas, maciços de árvores, pomares, sebes, árvores isoladas. A paisagem pode adquirir uma grande escala se for compartimentada. Deve haver uma gradação entre o volume da floresta e os espaços abertos. A gradação pode ser feita com sebes, árvores isoladas ou outros elementos.

A Expressão Visual de uma paisagem

A geomorfologia dos locais afecta a expressão fisiográfica dos mesmos. Definem-se superfícies côncavas, convexas, (...) que se combinam das mais variadas maneiras. Sensações de movimento estão presentes nestas superfícies. Nas linhas que as separam surgem outras forças visuais. Os campos junto à aldeia costumam ter uma orientação dominante, em concordância com a rede hídrica. Na análise da organização visual do espaço, pode salientar-se

- 1- O contraste visual entre os diferentes elementos (alto/baixo; pequeno/grande; cor, etc.).
- 2- A dominância visual de determinados elementos pelas suas características formais, cor, textura, escala, etc.
- 3- A importância relativa das características visuais.

A escala de uma paisagem tende a reduzir-se quando a diversidade aumenta. Quando a escala é muito grande, o aumento da diversidade é importante. Se a escala é pequena, é necessário existir uma grande organização dos elementos presentes. Um elevado grau de diversidade numa dada área pode ser sustentado desde que 2/3 dessa área sejam ocupados predominantemente por uma espécie.

A escala da paisagem é maior quando existem pontos altos, e daí se usufrui de vistas panorâmicas. Os vales têm maior contenção de vistas (escala média); se o vale é muito apertado, ou se o espaço é muito contido, a escala é pequena. Assim, a escala da paisagem depende da topografia, dos pontos altos e da distribuição da vegetação.

A escala da paisagem pode ser modificada pela distribuição da vegetação; podem usar-se padrões de compartimentação que acentuem formas, anulem defeitos e valorizem qualidades.

O **Ritmo** resultante do espaçamento entre elementos que fazem parte da paisagem é na generalidade irregular. Quando a intervenção humana é deliberada, as plantações podem obedecer a compassos, a limiares de densidade previamente definidos, criando retículas que se diluem com a idade.

A distribuição do material vegetal pode obedecer a critérios ou intenções estéticas trabalhando com os efeitos visuais das diferentes espécies e consociações. O modelado do terreno e os campos visuais previamente definidos contribuem também para o efeito do conjunto.

A **textura** é a manifestação visual da relação entre a luz e sombra motivada pelas variações existentes na superfície de um objecto, ou de uma paisagem. A textura pode caracterizar-se pelo seu grão (fino, médio e grosso) – Diz respeito ao tamanho relativo das irregularidades superficiais; pela sua densidade que diz respeito ao espaço entre as variações superficiais (arvoredo disperso ou denso); pela sua regularidade ou grau de ordenação e homogeneidade na distribuição espacial das irregularidades superficiais (em filas, ao acaso, em grupos, ...) e pelo contraste interno que se refere à diversidade de colorido e luminosidade numa superfície (p.ex. floresta mista-folhosas e resinosas):

A textura numa paisagem é variável sendo função dos usos dos solos, dos ritmos sazonais, da dinâmica própria dos locais.

A variável **densidade** relaciona-se com o intervalo de plantação (ritmo) e com a textura. Em relação ao reino vegetal, são usuais as gradações de densidade em sistemas de policultura. A cobertura vegetal varia muito em torno da aldeia.

A densidade de uma população é a grandeza desta em relação a uma unidade de espaço.

Há limites superiores e inferiores definidos para as dimensões das populações de espécies que se observam na natureza ou que podem existir durante qualquer período de tempo.

“Se houvesse uma teoria de harmonia das **cores**, talvez começasse pela divisão das cores em grupos, proibindo certas misturas ou combinações e permitindo outras. E, tal como no ensino da harmonia, as suas regras teriam fundamento” (Wittgenstein).

Entre as cores existe afinidade e contraste. Existe uma espécie de matemática da cor, há cores mais claras e mais escuras, transparentes, luminosas ou opacas.

As cores não se definem bem linguisticamente. Existe como que um percurso das cores, pondo Wittgenstein em causa e a existência de cores primárias.

Uma história natural das cores devia referir-se à sua ocorrência na Natureza.

A cor de uma paisagem resulta de todas as suas componentes. A cor varia com as estações do ano.

A Arte da Paisagem não é a ciência da paisagem mas as obras da arquitectura paisagista mais notórias são resultado não de uma inspiração, mas de um estudo paciente e prolongado guiado por abundante bom sentido – como exemplo a obra de Burle – Marx.

Há muitas maneiras de ver o mundo. Interpretamos uma imagem porque a reconhecemos como imitação da realidade. Os estilos recorrem a convenções na confecção das imagens. Parte do nosso mundo é natureza e outra parte convenção.

“As sociedades ou civilizações paisagísticas mais antigas como a Chinesa, têm da paisagem inúmeras representações codificadas (linguísticas, literárias, pictóricas e jardins) que traduzem ou condensam a apreciação estética da paisagem (A. Berque)”. No Ocidente, o conceito de paisagem como objecto estético só surge na Renascença. A paisagem é simbólica na medida em que depende da cultura dos Homens que a observam. Daqui também a enorme necessidade de Educação Estética.

A forma da paisagem pode ser qualificada pela arte. Os padrões de desenho dos diferentes usos do solo podem ser tratados com erudição. O projecto à escala da paisagem é uma obra de autor. A transformação de um facto físico numa experiência emocional deriva de um nível superior da nossa capacidade de abstracção. É possível que uma dada concepção espacial perdure por muitos séculos.

A arquitectura resulta da adaptação de uma ordem a determinadas circunstâncias que lhe são contraditórias. A complexidade da arquitectura paisagista depende das contradições encontradas que se associam com frequência à natureza topográfica do solo. Há padrões de construção que resolvem problemas semelhantes. É preciso ter consciência da diferença existente entre construção e arquitectura, entre espaço físico e artístico, produto instrumental e criação poética. O carácter da paisagem resultante da intervenção é o conjunto coerente de uma organização que retoma na trama única da sua soberania, tanto o visível como o invisível.

Se a intervenção do paisagista consiste no projecto de uma paisagem para o recreio, os objectivos estéticos sobrepõem-se a todos os outros. Neste sentido posso falar da paisagem-jardim. A paisagem terá valor puramente plástico na combinação da cor, textura, forma, volume, etc., podendo manter características formais locais. O objectivo do paisagista, tal como o objectivo do Homem do Neolítico é transformar a Natureza para dar lugar à existência humana. A exigência estética do Homem não é um luxo mas sim a sua razão de ser.

De acordo com o pensamento estético da Época Moderna aplico à Natureza os princípios da composição plástica. A linguagem abstracta confronta-se com os elementos naturais e origina experiências novas.

Os métodos de abordar os problemas da criatividade a exercer num espaço têm-se mantido invariantes ao longo dos séculos – as ordens, o eixo, a simetria, os sistemas de proporcionalidade (nomeadamente a secção áurea), a harmonia e as suas relações com o ritmo e a música, são conceitos que ainda hoje se aplicam na composição paisagística.

A busca da qualidade das formas pelo retomar de valores estéticos como principais, em relação a valores funcionais, impele-nos a uma revisão das relações forma-função na paisagem. Há locais para o recreio onde a paisagem é tratada artisticamente. O estudo da forma pode fazer-se usando entre outros os ensinamentos da Escola Bauhaus, da Geometria Bidimensional, ou conhecimentos da Percepção das formas e da sua força visual e psicológica.

Estes métodos ajudam na definição do espaço abstracto que permitirá transformar o espaço natural no espaço arquitectónico.

É importante ressaltar que nem sempre sistemas teóricos apurados asseguram bons resultados estéticos. Fica assim assegurado o mistério do acto criativo.

A paisagem enquanto objecto estético necessita uma mediação artística.

Há formas diferentes de criar paisagens modernas inscrevendo arte nos locais ou tomando outras atitudes estéticas em espaços particulares. Os caminhos mais recentes da Landart criam uma nova geometria abstracta na paisagem. A topologia ganha importância. A forma pura entra em diálogo com o meio, provocando em nós reacções estéticas. O projecto a grande escala desenvolve-se no mundo abstracto da representação mental.